



Religião Sociedade

VOLUME 24 • NÚMERO 2 • ANO 2004

Pesquisas sobre Religião: Suportes
Imagens, Números, Mapas
Retorno ao Campo
Pesquisadores Crentes, Turistas Religiosos

Religião
Sociedade

Religião & Sociedade

volume 24- número 2 - dezembro 2004

Conselho Científico

Duglas Teixeira (in memoriam)
Alba Zaluar, Jaime Pinski, Josildeth
Consorte, Lísias Nogueira Negrão, Rubem
Alves, Rubem César Fernandes.

Comitê Editorial

Clara Mafra, Emerson Giumbelli, Otávio
Velho, Patricia Birman, Pierre Sanchis,
Regina Novaes (coordenadora)

Editores deste número:

Regina Novaes e Clara Mafra

Conselho de Redação

Alberto Antoniazzi, Alejandro Frigerio,
Alfredo Bosi, Antonio Flávio Pierucci, Ari
Pedro Oro, Carlos Rodrigues Brandão,
Cecília Mariz, Eduardo Diatary de Menezes,
Eduardo Viveiros de Castro, Heraldo Maués,
Jether Pereira Ramalho, José Jorge de
Carvalho, Kenneth Serbin, Leonardo Boff,
Luiz Eduardo Soares, Luis Eduardo
Wanderley, Maria das Dores Machado,
Maria Helena Villas Boas Concone, Maria
Isaura Pereira de Queiroz, Maria Laura
Viveiros de Castro, Marion Aubrée, Nilton
Bonder, Patrícia Monte-Mor, Paula Montero,
Paul Freston, Pedro Ribeiro de Oliveira, Peter
Fry, Ralph Della Cava, Renato Ortiz, Waldo
César, Vanilda Paiva, Yvonne Maggie.

Religião e Sociedade foi criada em 1977 pelo
Centro de Estudos da Religião (CER) e pelo
Instituto de Estudos da Religião (ISER)

Edição: Instituto de Estudos da Religião (ISER)
Vendas e Assinaturas:

Ladeira da Glória 99
22211-120 Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel: (21) 2555-3750
Fax: (21) 2558-3764
e-mail: religiao.esociedade@iser.org.br
site: www.iser.org.br

CATALOGAÇÃO NA FONTE UERJ/REDE SIRIUS/PROTAT

R382 Religião & Sociedade. - Vol. 1 (1977).
- Rio de Janeiro : ISER, 1977.
v.

Semestral
ISSN 0100-8587

1. Religião - Aspectos sociais. 2.
Religião e civilização. I. Instituto de
Estudos da Religião.

CDU 2:308

Revisão técnica:

Leila Loureiro da Silva e Amanda Lyons

Diagramação: Rosania Rolins

Capa: Héloisa Fortes

Apoio:

PRONEX/CNPq - Projeto Movimentos
Religiosos no Mundo Contemporâneo
ICCO - Organização Intereclesiástica para a
Cooperação ao Desenvolvimento

SUMÁRIO

Editorial	7
-----------------	---

Artigos

Vida e morte no Espiritismo Kardecista <i>Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti</i>	11
--	----

Na encruzilhada, com os antropólogos <i>Vagner Gonçalves da Silva</i>	28
--	----

Religião e filmes documentários no Brasil <i>Patrícia Monte-Mór</i>	61
--	----

Pesquisando conversão pentecostal em unidades penais <i>Eva Lenita Scheliga</i>	73
--	----

Antropologia, religião e turismo: múltiplas interfaces <i>Sandra de Sá Carneiro e Bianca Freire-Medeiros</i>	100
---	-----

Território, cidade e religião no Brasil <i>César Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Philippe Waniez, Violette Brustlein</i>	126
--	-----

Censo de religião: um instrumento descartável ou reciclável?	
<i>Clara Mafra</i>	152

Resenha

Jeanne Halgren Kilde. <i>When Church Became Theatre</i> .	
<i>Claudia Wolff Swatowski</i>	160

Resumos	168
---------------	-----

S

UMMARY

Presentation 7

Articles

Life and death in Kardecian Spiritism
Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti 11

At the crossroads, with anthropologists
Vagner Gonçalves da Silva 28

Popular religion and documentary films in Brazil
Patrícia Monte-Mór 61

Anthropology, religion and tourism: multiple interfaces
Sandra de Sá Carneiro e Bianca Freire-Medeiros 73

Researching Pentecostal conversion inside prisons
Eva Lenita Scheliga 100

Territory, city and religion in Brazil
César Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Philippe Waniez, Violette Brustlein .. 126

Religion Census: a disposable or recyclable instrument?

Clara Mafra 152

Review

Jeanne Halgren Kilde. *When Church Became Theatre*.

Claudia Wolff Swatowski 160

Abstracts 168

TERRITÓRIO, CIDADE E RELIGIÃO NO BRASIL

*Cesar Romero Jacob
Dora Rodrigues Hees
Philippe Waniez
Violette Brustlein*

Introdução

O Brasil, apesar de não ser mais considerado um “país novo”, não apresenta ainda a estruturação do seu território consolidada. O forte crescimento demográfico, da ordem de 120 milhões de habitantes em cinquenta anos (50 milhões, em 1950, e 170 milhões, em 2000), foi acompanhado de uma impressionante explosão urbana: duas regiões metropolitanas possuem mais de dez milhões de habitantes; doze cidades ultrapassam um milhão; e 500 cidades, com mais de 20 000 habitantes, reúnem 85 milhões de pessoas. Esse extraordinário crescimento urbano, aliado à expansão da fronteira agrícola, tem gerado importantes movimentos migratórios, o que acarreta mudanças nas relações de trabalho e na repartição das atividades econômicas no território brasileiro, desestruturando frequentemente a organização espacial pré-existente.

Essas mudanças relativas à organização do espaço são agravadas por problemas estruturais recorrentes, encontrados em diferentes esferas: níveis de desenvolvimento econômico muito desiguais entre as regiões do país, sérios problemas fundiários, bolsões de miséria, etc. O caráter acentuado e rápido dessas transformações coloca em pauta a necessidade de um conhecimento mais detalhado do território nacional. Assim, considerando-se que o território é um elemento do sistema social e é revelador desse mesmo sistema, a compreensão

das recomposições do espaço torna-se indispensável ao entendimento das transformações em curso na sociedade brasileira.

Algumas dessas transformações podem ser observadas através dos resultados dos recenseamentos demográficos de 1991 e 2000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como, por exemplo, a forte tendência à diversificação religiosa verificada na sociedade brasileira. Os principais traços dessa diversificação podem ser percebidos pelo declínio da porcentagem de católicos na população total, pelo crescimento das religiões pentecostais e pelo aumento do número de pessoas "sem religião".

Uma das principais hipóteses do nosso trabalho sobre as transformações religiosas em curso no país é a que considera tais mudanças, especialmente a expansão do pentecostalismo, como resultado das transformações territoriais. Neste sentido, a análise das dinâmicas territoriais permitiria revelar as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade brasileira, numa dimensão que nos parece essencial: a da geografia dos grupos sociais.

Compreende-se, então, a importância em se dispor de informações, não só sobre a filiação religiosa, em diferentes escalas — desde o Brasil como um todo, até o bairro de uma cidade — mas também em relação ao aspecto demográfico e social dos fiéis, o que possibilita o estudo de subpopulações específicas, como pessoas idosas, empregadas domésticas, etc. E, a nosso ver, somente o recenseamento do IBGE apresenta tais possibilidades.

1. A variável "religião" nos recenseamentos demográficos no Brasil

O questionário nº 2 do Censo Demográfico compreende uma pergunta sobre a filiação religiosa. É bom lembrar que em muitos países, nos recenseamentos, nenhuma pergunta é feita sobre a confissão religiosa. Na França, por exemplo, uma tal questão seria incompreensível, porque ela incidiria sobre uma característica da vida privada, ou mal recebida, porque ela lembraria terríveis momentos da história francesa, quando os judeus, nos anos 1940, eram obrigados a se declarar como tal num arquivo específico. Em outros países, onde a estabilidade política não se encontra consolidada, perguntar aos habitantes sobre sua religião poderia provocar reivindicações autonomistas de comunidades confessionais em certas regiões de um país, como o Iraque dos sunitas e xiitas, por exemplo.

De uma maneira geral, como observa J.P. Bastian, "os dados estatísticos são bastante desiguais, pouco rigorosos, mas refletem uma tendência. Certos recenseamentos nacionais de população dão conta do fator religioso (...) e se constituem em indicadores preciosos, em particular para estudos nos níveis municipal e regional" (Bastian 1997). Em contrapartida, os recenseamentos apresentam algumas limitações, como a fidedignidade da resposta, o pequeno

número de registros de filiação religiosa múltipla (prática do catolicismo e do candomblé, por exemplo), ou ainda a imprecisão das respostas relacionadas às Igrejas que têm um pequeno número de fiéis.

1.1. Questionário e nomenclatura estatística

No Brasil, o registro das respostas à pergunta “religião ou culto” evoluiu ao longo do tempo, e a documentação que acompanha o recenseamento de 2000 dá os principais elementos dessa evolução:

“O IBGE e o Instituto Superior de Estudos da Religião - ISER, em parceria, desenvolveram a classificação de religiões dos Censos Demográficos 1991 e 2000. Como a codificação do quesito religião se faz com base na declaração do entrevistado a um quesito aberto, o Censo Demográfico 2000 apresenta uma série de mudanças significativas na sua grade classificatória. Em relação ao Censo Demográfico 1991, as principais modificações foram:

- utilizou-se, como critério geral de nomeação dos agregados e subagregados, um afinamento com o vocabulário corrente dos declarantes;
- foram desagregadas tradições religiosas com genealogias e/ou características morfológicas diferenciadas;
- foram incluídas declarações de religião com frequência e/ou visibilidade social relevantes;
- foi preservada a estrutura geral da classificação para manter a comparação em nível mais agregado com os censos demográficos anteriores e possibilitar a análise das séries históricas.

Dessa forma, ao tomar como critério maior a preservação da memória da declaração recebida, o Censo Demográfico ajusta-se à tendência das padronizações nacionais e internacionais (permitindo a comparação com pesquisas em universos religiosos situados, regionais e nacionais) e com informações de outros países (possibilitando a comparação com religiosidades tradicionais e globalizadas)”.

Foi notável o esforço do IBGE e do ISER na obtenção de uma nomenclatura das religiões, visto que é difícil, por exemplo, se ter uma visão exaustiva do conjunto das igrejas pentecostais, em função da sua fragmentação. O recenseamento de 2000 distingue cerca de quinze igrejas pentecostais diferentes, mas seu número é sem dúvida maior, o que explica as inevitáveis categorias, como “evangélica não determinada”, “evangélica sem vínculo institucional”, “outros evangélicos”, etc. Observa-se aí o nível de dificuldade com o qual se defrontam os especialistas, diante de uma realidade em constante mudança: de um lado, as igrejas próximas das tradições da Reforma (Igrejas Luterana, Presbiteriana, Metodista, etc.), que apresentam um crescimento modesto; de outro, grupos

pentecostais, que surgem e crescem rapidamente. Entre esses dois pólos há uma infinidade de movimentos religiosos que resistem à classificação estatística.

1.2. Coleta de dados

A maneira pela qual o recenseamento é efetivamente realizado constitui um outro aspecto da análise dos dados relativos às religiões. É bom lembrar que desde 1960 vem sendo utilizada a técnica de amostragem na coleta do Censo Demográfico do Brasil:

“O desenho amostral adotado compreende a seleção sistemática e com equi-probabilidade, dentro de cada setor censitário, de uma amostra dos domicílios particulares e das famílias ou componentes de grupos conviventes recenseados em domicílios coletivos, com fração amostral constante para setores de um mesmo município. Para a realização do Censo Demográfico de 2000, da mesma forma que no Censo de 1991, foram definidas duas frações amostrais distintas: 10% para os municípios com população estimada superior a 15.000 habitantes e 20% para os demais municípios.

Na coleta das informações do Censo 2000, foram usados dois modelos de questionário:

- um questionário básico aplicado nas unidades não selecionadas para a amostra, contendo perguntas referentes às características que foram investigadas, para 100% da população;
- um segundo questionário aplicado somente nos domicílios selecionados para a amostra, contendo, além das perguntas que também constam do questionário básico, outras perguntas mais detalhadas sobre características do domicílio e de seus moradores, referentes aos temas religião, cor ou raça, deficiência, migração, escolaridade, fecundidade, nupcialidade, trabalho e rendimento.

Em todo o território nacional foram selecionados 5 304 711 domicílios para responder ao questionário da amostra, o que significou uma fração amostral da ordem de 11,7%. Nesses domicílios foram levantadas as informações para todos os seus moradores, totalizando 20 274 412 pessoas” (Censo Demográfico, 2000).

1.3. Elaboração das estatísticas

A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) obteve do IBGE o acesso às respostas individuais (tornadas anônimas) do questionário nº2 do recenseamento demográfico de 2000, que correspondem a cerca de 20 milhões de fichas, chamadas microdados. Para o tratamento dessas fichas, um programa específico foi concebido sob nossa responsabilidade (linguagem Visual Basic 6). Este programa chamado MicroDados funciona sob o sistema Windows

XP, sendo capaz de realizar tabulações simples e múltiplas, baseadas num dos níveis geográficos habituais do recenseamento: o Brasil como um todo, as Grandes Regiões, as Unidades da Federação, as Microrregiões Geográficas e os Municípios.

O programa MicroDados utiliza na entrada um arquivo codificado, no qual cada pessoa que respondeu ao questionário representa um registro. Cada registro contém uma série de números que compõem campos distintos, delimitados por uma posição de início no registro e um comprimento de campo expresso em número de caracteres. Para poder identificar as respostas às diferentes questões, dispõe-se de um dicionário. Por exemplo, para conhecer o sexo da pessoa que respondeu (variável V0401), o dicionário se apresenta da seguinte maneira:

VARIÁVEL	TAMANHO	POSICÃO	DESCRIÇÃO	CATEGORIAS
V0401	1	69	SEXO	1-masculino 2-feminino

Para as religiões, o dicionário é muito mais complexo porque compreende subcategorias. A título de exemplo, eis um extrato relativo à Religião Católica Apostólica Romana:

VARIÁVEL	TAMANHO	POSICÃO	DESCRIÇÃO	CATEGORIAS	SUB CATEGORIAS
V4090	3	89	CÓDIGO DA RELIGIÃO	11-CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	110-Católica Apostólica Romana 111- Católica Carismática, Católica Pentecostal 112- Católica Armênia; Católica Ucraniana

Assim, o campo «religião» de um registro começa no 89º caractere do registro e compreende três caracteres. Se o valor 11 é lido nos dois primeiros caracteres do campo (ou seja, os caracteres 89 e 90), a pessoa que respondeu declara fazer parte da Religião Católica Apostólica Romana; se o valor 111 é lido nos três primeiros caracteres do campo (ou seja, os caracteres 89, 90 e 91), a pessoa que respondeu declara fazer parte das religiões Católica Carismática ou Católica Pentecostal, segundo a nomenclatura das religiões definida pelo IBGE e pelo ISER.

1.3.1. Tabulações simples

As tabulações simples são realizadas pelo cruzamento de uma variável geográfica (por exemplo, a Grande Região de residência) com uma segunda variável, como o sexo, ou a religião das pessoas que responderam ao questionário. As Macrorregiões são codificadas da seguinte maneira:

VARIÁVEL V1001	TAMANHO 1	POSIÇÃO 64	DESCRIÇÃO MACRORREGIÃO GEOGRÁFICA	CATEGORIAS 1- Região Norte (uf=11 a 17) 2- Região Nordeste (uf=21 a 29) 3- Região Sudeste (uf=31 a 35) 4- Região Sul (uf=41 a 43) 5- Região Centro-Oeste (uf=50 a 53)
-------------------	--------------	---------------	---	--

Assim, o resultado de uma tabulação simples para o conjunto do Brasil relacionada às variáveis Macrorregião Geográfica e Sexo será composto por 5 linhas (as 5 Macrorregiões) e por 2 colunas (os dois sexos). O processo de tabulação é realizado da seguinte maneira:

- inicialização de uma tabela com 5 linhas e 2 colunas: cada célula da tabela toma o valor 0;
- leitura de um registro;
- leitura do campo Macrorregião Geográfica (o caractere situado em posição 64 do registro), por exemplo, 2 para a Macrorregião Nordeste;
- leitura do campo Sexo (o caractere situado na posição 69 do registro), por exemplo, 1 que corresponde ao sexo masculino;
- leitura do campo Macrorregião Geográfica (o caractere situado na posição 64 do registro);
- na célula da tabela situada na interseção da 2ª linha com a 1ª coluna, acrescenta-se um indivíduo. Se os dados não resultassem de uma amostra, seria acrescentado o valor 1, cada indivíduo sendo representativo somente dele mesmo; mas, como se trata de uma amostra, não é 1 que é acrescentado à célula, mas o peso do indivíduo, em questão, na amostra; os valores desses pesos foram calculados pelos estatísticos do IBGE. Isto significa que a resposta dada pelo indivíduo registrado conta para vários indivíduos, por sua vez.

Graças a esse método de ponderação, as células da tabela contêm não a repartição por Macrorregião de residência e por sexo dos indivíduos que constituem a amostra do questionário nº2 do recenseamento, quer dizer, as 20 274 412 pessoas, mas sim a repartição da totalidade da população brasileira, ou seja, 170 milhões de habitantes. Naturalmente, é do mesmo modo que se procede em relação às religiões, levando-se em conta, no entanto, o código da religião com dois dígitos, o que eleva o número de colunas a 51, ou seja, $5 \times 51 = 255$ células na tabela.

1.3.2. Tabulações múltiplas

As tabulações múltiplas são realizadas pelo cruzamento de uma variável geográfica, a exemplo da Macrorregião de residência (5 modalidades de resposta), com várias outras variáveis, como o sexo (2 modalidades de resposta), a religião codificada com dois dígitos (51 modalidades de resposta) e a raça ou cor (6 modalidades de resposta). Nesse caso, a tabela obtida inclui $5 \times 2 \times 51 \times 6 = 3060$

células. Pode-se assim saber, por exemplo, quantas mulheres de cor negra declararam participar da Assembléia de Deus, na Região Sudeste. As tabulações múltiplas permitem, então, estudar especificamente tal ou qual população, em função de características previamente escolhidas.

1.3.3. Níveis geográficos

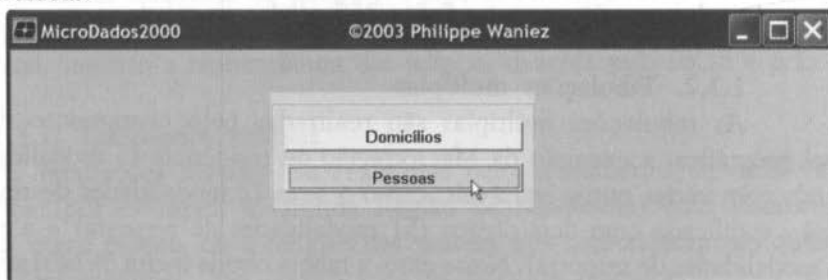
Os exemplos anteriores dizem respeito ao nível geográfico da Macrorregião. Porém os arquivos dos microdados contêm os códigos dos níveis geográficos normalmente utilizados para os recenseamentos: Grandes Regiões, Unidades da Federação, Microrregiões Geográficas e Municípios.

O caso da análise dos espaços urbanos merece uma explicação: para o tratamento dos dados do Universo (questionário nº1), é possível descer a um nível intramunicipal muito detalhado, o dos setores censitários. No caso da sondagem que nos interessa aqui (questionário nº2), não é possível realizar tabelas baseadas nos setores censitários, por não haver a sua identificação nos registros, certamente por razões de representatividade estatística. Dispõe-se, no entanto, de um nível intramunicipal menos detalhado do que o do setor censitário, chamado Área de Ponderação da Amostra (AREAP), mas capaz de dar uma boa visão das informações no nível intra-urbano.

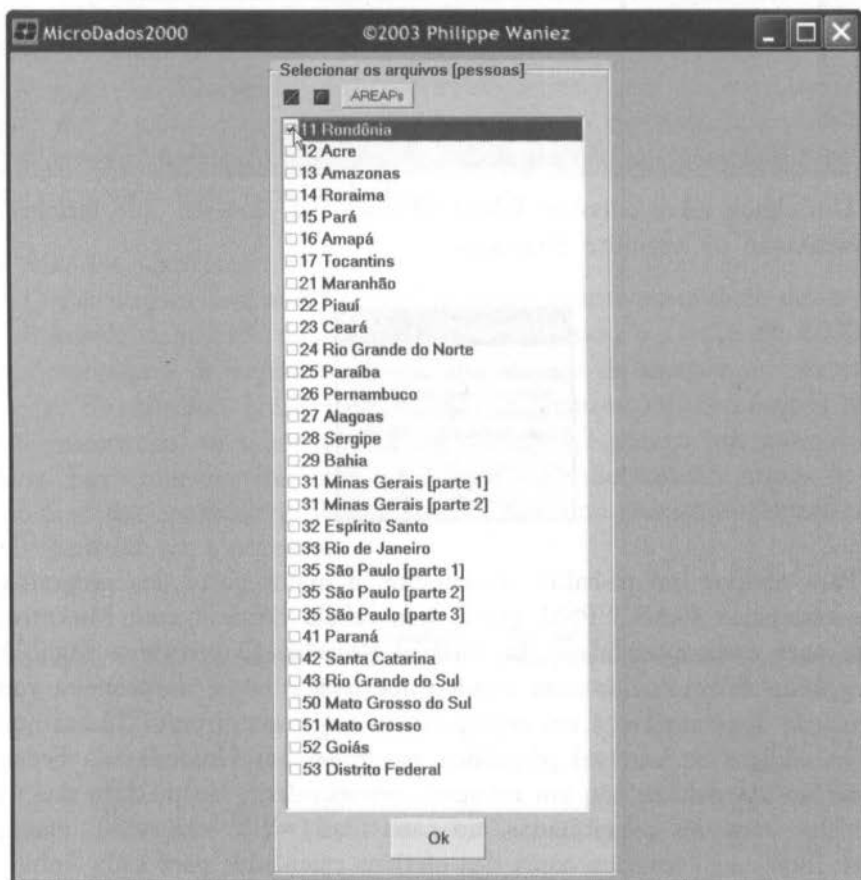
Uma AREAP “constitui uma unidade geográfica, formada por um agrupamento mutuamente exclusivo de setores censitários, para a aplicação dos procedimentos de calibração das estimativas com as informações conhecidas para a população como um todo. Um total de 484 municípios tiveram mais de uma área de ponderação no Censo 2000. Os demais 5023 municípios tiveram apenas uma área de ponderação”. É possível então analisar as características religiosas da população das grandes cidades do Brasil, no nível intra-urbano, com uma resolução geográfica bem inferior à que permitiriam os setores censitários.

1.3.4. Utilização do programa MicroDados 2000

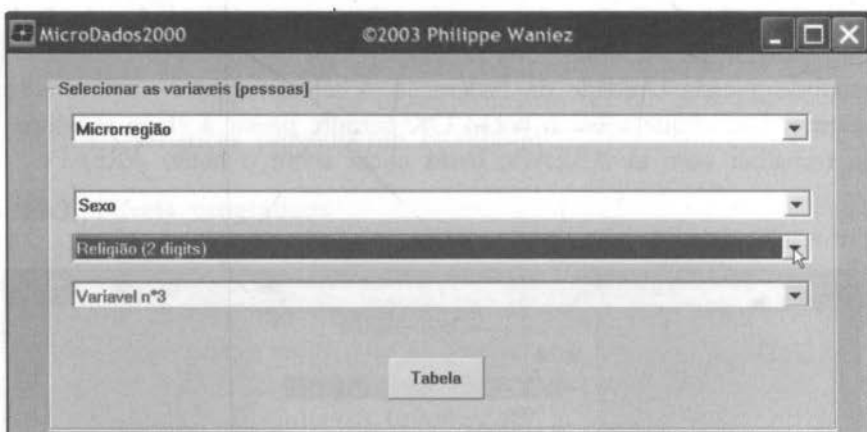
Etapa nº1: na inicialização do programa MicroDados, o usuário deve escolher se ele deseja trabalhar com as características dos domicílios, ou com as das pessoas. Como nos interessamos aqui pelas religiões, vamos clicar sobre o botão Pessoas.



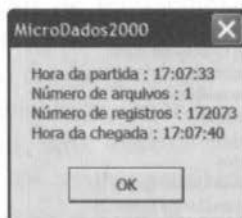
Etapa n°2 : é preciso em seguida selecionar as Unidades da Federação para as quais se deseja obter uma tabulação. Um clique sobre cada célula, que corresponde a cada Unidade da Federação, a seleciona para a continuidade do tratamento. Um clique sobre o botão OK permite passar à etapa seguinte. Se se deseja trabalhar com as AREAPs, basta clicar sobre o botão AREAPs.



Etapa n°3 : escolhe-se, então, sucessivamente as variáveis que formarão a tabela a ser elaborada. É preciso obrigatoriamente selecionar uma variável geográfica, no caso, Microrregião. A primeira variável é a do sexo, e a segunda a da religião, com dois caracteres. Poderia-se utilizar uma terceira variável, se necessário.



Um clique sobre o botão Tabela dá início ao processo, que termina com a apresentação da seguinte mensagem :



Para realizar um trabalho semelhante, a maior parte dos programas de análise estatística (SAS, SPSS) grava uma tabela cruzada com Microrregiões x Sexos para cada modalidade da variável *Religiões*. O programa MicroDados 2000 organiza os resultados num arquivo que leva o nome da primeira variável da tabulação. Este arquivo é um arquivo texto que contém tantas linhas quantos forem os códigos da variável geográfica escolhida, nas Unidades da Federação selecionadas. As colunas são em número correspondente ao produto das modalidades das variáveis selecionadas, no caso ($2 \times 51 = 102$ variáveis), mais uma variável Total que contém a soma dos efetivos calculados para cada linha. Essa apresentação não convencional dos resultados se explica pela natureza dos tratamentos que serão feitos posteriormente sobre as estatísticas obtidas, por isso os dados devem estar de acordo com o que exige o programa de cartografia, que permite expressar a variação geográfica de cada célula da tabela obtida.

2. A cartografia das religiões no Rio de Janeiro

Através da cartografia temática é possível descrever e compreender a distribuição da filiação religiosa num dado território. Um exemplo das possibi-

lidades desse tipo de trabalho é o Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil, que publicamos em 2003. Como desdobramento desse Atlas, estamos realizando um trabalho que focaliza a Capital Federal e as 18 capitais estaduais que se constituem em sede de regiões metropolitanas.

Nesse Atlas, uma série de mapas tinha sido realizada sobre várias Regiões Metropolitanas, mas com uma resolução geográfica pouco detalhada, ainda que intramunicipal, como a dos distritos em que o IBGE divide essas capitais. Uma vez que o IBGE realizou a digitalização dos contornos das AREAPs, nos pareceu interessante retomar e desenvolver esse aspecto da nossa pesquisa, a fim de estudar mais detalhadamente as características religiosas das grandes cidades, sabendo que é nelas sobretudo que se dá a conquista de novos fiéis pelas Igrejas mais atuantes. Através do exemplo da cidade do Rio de Janeiro, é possível se ter uma amostra desse novo trabalho.

2.1. Os Católicos

O Rio de Janeiro é a 18ª capital brasileira quanto ao número de católicos, que aí representam 61% da sua população, segundo o Censo de 2000. Nos demais municípios da região metropolitana, menos da metade dos habitantes, 48,7%, se diz católica. Entre 1991 e 2000 verificou-se um decréscimo de -8,7 pontos percentuais no município da capital e -11,2 pontos nos municípios da periferia. Esses números traduzem uma tendência relativamente antiga de redução do peso dos católicos no Rio de Janeiro, tanto no município central, quanto nos da periferia metropolitana.

Rio de Janeiro		Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	Município	61,1	5,4	11,3	8,9	13,3
	Resto da RM	48,7	8,2	17,1	6,2	19,7
1991	Município	69,8	3,7	6,5	8,4	11,5
	Resto da RM	59,9	5,2	10,7	5,1	19,1
2000-1991	Município	-8,7	1,7	4,7	0,5	1,8
	Resto da RM	-11,2	3,0	6,4	1,1	0,6

Esses dados gerais encontram sua expressão na distribuição dos percentuais de católicos no espaço metropolitano, dividido em AREAPs (Mapa 1). No município do Rio, os percentuais de católicos raramente situam-se abaixo de 50% da população, o que acontece apenas em determinadas áreas do bairro de Santa Cruz, na Zona Oeste da cidade, onde a presença dos católicos situa-se entre 44% e 50%. Verifica-se, no entanto, que onde o catolicismo tem resistido mais às mudanças no perfil religioso da população é ao longo da faixa litorânea

que se estende do Recreio dos Bandeirantes ao Centro da cidade, passando pela Barra da Tijuca, São Conrado, Leblon, Ipanema, Copacabana, Botafogo e Flamengo. A esta faixa se acrescentam os bairros da Gávea, Jardim Botânico, Tijuca e Vila Isabel, bem como o sul da Ilha do Governador. Nesse espaço, a participação dos católicos na população se mantém elevada, entre 65% e 77%. Do outro lado da Baía de Guanabara, a parte central de Niterói mostra uma forte ligação com o catolicismo, sobretudo Icaraí.

Além dessa faixa litorânea, com elevados percentuais de católicos, num espaço no interior da cidade, composto por bairros como Jacarepaguá, Cidade de Deus, Madureira e Abolição, o peso dos católicos continua expressivo, uma vez que a sua participação na população é sempre superior a 56%. Este padrão está presente também na maior parte de Niterói, assim como nas áreas mais urbanizadas de São Gonçalo.

A classe central da legenda, cujos valores variam de 48% a 57%, refere-se principalmente à Zona Oeste do Rio de Janeiro, com exceção de algumas áreas de Santa Cruz e de Campo Grande. Além da Zona Oeste, essa classe abrange também partes de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Niterói e São Gonçalo.

Finalmente, o mapa revela que, na grande maioria dos municípios da periferia metropolitana, a Religião Católica representa menos de 48% dos seus habitantes. As porcentagens de católicos são ainda mais reduzidas em áreas de Nova Iguaçu, Belford Roxo e São Gonçalo, entre 41% e 30%.

2.2. Os Evangélicos de Missão

Este grupo religioso é menos numeroso na capital do que nos demais municípios da região metropolitana, 315 000 contra 350 000 fiéis, que representam, respectivamente, 5,4% e 8,2% da população total. No Rio, o aumento do percentual dos evangélicos de missão foi de +1,7 pontos, entre 1991 e 2000, enquanto na periferia foi de +3 pontos, um dos crescimentos mais elevados dentre as capitais brasileiras.

Os evangélicos de missão se concentram, sobretudo, no espaço periférico ao norte do município da capital, como, por exemplo, em São João de Meriti e em Belford Roxo (Mapa 2). É nítida ainda a importância dos evangélicos de missão em São Gonçalo, no leste da região metropolitana. Nos dois casos, a participação dos protestantes tradicionais na população total é superior a 9%, podendo representar, às vezes, de 11% a 12% da população. Nota-se, ainda, a existência de alguns núcleos evangélicos em Duque de Caxias, Magé e Itaboraí, onde, apesar de os efetivos serem relativamente reduzidos, entre 2 000 e 4 000 pessoas, eles podem corresponder a até 16% dos habitantes. Já no município do Rio, apenas Campo Grande mostrou percentuais significativos de evangélicos de missão em algumas AREAPs, onde a Igreja Católica se apresenta com percentuais mais baixos.

Entre os evangélicos tradicionais há um predomínio dos batistas, com 4,5% da população, seguidos de longe pelos adventistas e pelos congregacionistas, cada um deles com 0,4%.

2.3. Os Evangélicos Pentecostais no Rio de Janeiro

Assim como os evangélicos de missão, os pentecostais são menos numerosos no município da capital do que no resto da região metropolitana, 649 000 contra 731 000, o que representa, respectivamente, 11,3% e 17,1% da população total, ou seja, mais do que o dobro dos protestantes tradicionais. Entre 1991 e 2000, observou-se que o aumento dos pentecostais se mostrou mais acentuado na periferia, +6,4 pontos percentuais, do que na capital, +4,7 pontos.

A presença pentecostal na Região Metropolitana do Rio de Janeiro se assemelha ao negativo de uma fotografia do mapa dos católicos, uma vez que ela se encontra sobretudo na periferia (Mapa 3). De fato, são os municípios da Baixada Fluminense, principalmente Nova Iguaçu, Belford Roxo e Duque de Caxias, os que mais se destacam, com percentuais que chegam a 30% da população. Este fenômeno se reproduz também, em menores proporções, em São Gonçalo e em Itaboraí. Já na cidade do Rio de Janeiro, os mais elevados percentuais são registrados na Zona Oeste, onde em algumas áreas ultrapassam 20% da população. Niterói apresenta menores percentuais de pentecostais, num padrão muito semelhante ao que caracteriza o Centro do Rio de Janeiro, bem como os bairros da Tijuca e da orla marítima da cidade, onde a presença católica é mais acentuada.

Apesar do grande número de igrejas pentecostais que atua na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, duas delas se mostram particularmente importantes: a Assembléia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Observa-se, no entanto, uma diferença sensível quanto às suas áreas de atuação (Mapas 4 e 5): enquanto a Assembléia se mostra mais presente na periferia distante, a IURD se destaca na capital e na sua periferia mais próxima.

2.4. Espíritas, Umbandistas, Candomblecistas e Judeus

No Rio de Janeiro, há vários grupos religiosos minoritários que expressam a grande diversidade cultural da cidade. Entre esses grupos, a religião Espírita se reveste de certa importância, uma vez que 2,6% da população do município da capital declara praticá-la, ou seja, mais de 265 000 pessoas. Os espíritas estão localizados, sobretudo, na Tijuca e nos bairros vizinhos, onde representam entre 7% e 8% da população (Mapa 6). Podem ser encontrados ainda no Flamengo, Botafogo, Leme, Jardim Botânico e na Barra da Tijuca com um peso que ultrapassa 5%. Este é também o caso de alguns bairros situados no leste da Ilha do Governador. Em Niterói, a presença dos espíritas chama a atenção em todos os bairros localizados na faixa litorânea, sobretudo em Icaraí. Observa-se

que as áreas com os mais altos percentuais de espíritas correspondem frequentemente àquelas com as mais elevadas porcentagens de católicos.

A Umbanda apresenta cerca de 110 000 adeptos no Rio de Janeiro, a segunda capital do país quanto aos percentuais (1,25%), superada apenas por Porto Alegre (2,2%). A distribuição dos umbandistas no Rio se mostra fortemente concentrada nos bairros do subúrbio da Central do Brasil, como Méier, Engenho de Dentro, Cascadura e Madureira, onde os seus percentuais se situam entre 1,6% e 5,2% da população (Mapa 7). Essas áreas, onde os umbandistas são mais expressivos, se caracterizam também pela forte presença de católicos.

Já o Candomblé reúne no Rio de Janeiro cerca de 50 000 adeptos, que correspondem a 0,5% da sua população, percentual superior ao de Salvador (0,4%). Observa-se que a maioria dos praticantes do Candomblé mora nos subúrbios da Central do Brasil e da Leopoldina (Bonsucesso, Ramos, Olaria e Penha). Além dessas áreas, eles estão presentes também em municípios da Baixada Fluminense, como Nilópolis, São João de Meriti, Nova Iguaçu e Belford Roxo (Mapa 8).

A presença de judeus na vida da cidade do Rio de Janeiro é marcante, não obstante representarem apenas 25 000 habitantes. De fato, o Rio é a segunda capital brasileira com o maior percentual de judeus (0,4%), atrás somente de Porto Alegre (0,5%). O mapa com a sua distribuição mostra que eles habitam principalmente as áreas com melhores condições de vida da cidade, como a Tijuca e a Zona Sul, da Glória ao Leblon, e em menores proporções São Conrado e Barra da Tijuca (Mapa 9). Além dessas áreas, do outro lado da Baía, os judeus se concentram no bairro de Icaraí, em Niterói.

2.5. Sem religião

Além da diversidade religiosa que o caracteriza, o Rio de Janeiro é também uma cidade com um elevado contingente de pessoas "sem religião". De fato, o Rio, com 13% dos seus habitantes "sem religião", ocupa o segundo lugar entre as capitais brasileiras, superado apenas por Salvador (18%). Este fenômeno tem origem em décadas anteriores à de 1990, uma vez que o percentual dos "sem religião" cresceu pouco no período intercensitário de 1991 a 2000, tanto na capital quanto nos municípios da periferia metropolitana.

Apesar de se encontrarem pessoas "sem religião" em toda a região metropolitana, os seus percentuais se mostram mais elevados nos espaços da periferia, sobretudo em Belford Roxo, Nova Iguaçu e Duque de Caxias, onde variam de 26% a 35% (Mapa 10). Além desses municípios da Baixada Fluminense, São Gonçalo e Itaboraí também se destacam por elevadas proporções de pessoas "sem religião".

2.6. Perfil religioso

Os mapas até aqui analisados resultam de uma tabulação simples, com base na variável religião, para o nível geográfico das AREAPs. A partir deles,

foi possível estabelecer uma síntese dos diferentes territórios religiosos em que se divide a Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Assim, fez-se uma classificação com o objetivo de se chegar a um mapa único, que permitisse a visualização das áreas mais importantes dos principais grupos religiosos.

Nesse mapa (Mapa 11), o espaço religioso metropolitano se encontra estruturado em 6 classes. O município do Rio de Janeiro se apresenta dividido basicamente em duas partes: o leste católico e o oeste evangélico. A parte leste compreende os espaços mais densamente habitados e de ocupação mais antiga, onde os católicos predominam de forma mais ou menos acentuada. Numa extensa área que vai do Méier e São Cristóvão à Barra da Tijuca, incluindo a Zona Sul (classe nº 1), o catolicismo continua firmemente implantado. Além dessa área, grande parte dos subúrbios da Leopoldina e da Central do Brasil, bem como a Baixada de Jacarepaguá se caracterizam também por uma maioria católica (classe nº 2), embora um pouco menos intensa. Niterói segue, de modo geral, esse mesmo padrão de composição religiosa.

Na parte oeste do município do Rio, a situação se mostra muito diferente, uma vez que aí os evangélicos ocupam um lugar de destaque. Os de missão formam uma classe bem delimitada no bairro de Campo Grande e no seu entorno (classe nº 3). Podem ser encontrados ainda em outras áreas suburbanas, como Anchieta e Pavuna, localizados na parte norte do município. Já os evangélicos pentecostais (classe nº 5) se localizam no extremo oeste da cidade, sobretudo em Santa Cruz e em Guaratiba.

Os municípios de Nova Iguaçu, Belford Roxo, Duque de Caxias e Magé são áreas que se caracterizam pela presença de duas classes do mapa: uma que reúne os evangélicos pentecostais e os de missão (classe nº 4) e outra que engloba os pentecostais e os "sem religião" (classe nº 6). Do outro lado da Baía de Guanabara, Niterói, São Gonçalo e Itaboraí reproduzem um esquema semelhante ao da cidade do Rio de Janeiro e dos municípios da Baixada Fluminense: católicos no centro, evangélicos de missão na periferia imediata e os pentecostais e "sem religião", na periferia mais distante.

Assim, pode-se afirmar que, de modo geral, o perfil religioso do Rio de Janeiro segue um modelo do tipo centro-periferia, que não assume, no entanto, a forma de anéis sucessivos, em função da localização da cidade no litoral, organizando-se em faixas em relação à costa.

2.7. Religiões e níveis de renda

Além da possibilidade de se calcular as estatísticas relativas às diferentes religiões, num nível geográfico intra-urbano, o tratamento dos microdados permite também analisar informações socioeconômicas, no mesmo nível geográfico, e aproximar assim os mapas de filiação religiosa dos mapas relativos a indicadores sociais. Pode-se realizar, por exemplo, uma síntese dos níveis de rendimento.

Com este objetivo, o programa MicroDados 2000 calcula uma tabela simples, cruzando as AREAPs com a variável "total de rendimentos". Expressa em número de salários mínimos, a tabela dá para cada indivíduo, com idade de 10 anos e mais, a soma dos rendimentos brutos auferidos, provenientes de todas as fontes, referentes ao mês de julho de 2000, em salários mínimos.

Os totais obtidos são em seguida reagrupados em vinte níveis de rendimentos e depois transformados em porcentagem na população com 10 anos e mais. Uma classificação permite obter o perfil de rendimento de cada AREAP, segundo seis classes: rendimentos muito altos, altos, médios altos, médios baixos, baixos e muito baixos. Essas classes não são escolhidas *a priori*, mas resultam de uma interpretação dos níveis "na árvore de classificação ascendente hierárquica", que representa as AREAPs em função dos níveis de rendimentos encontrados nessas unidades territoriais.

Observa-se que no mapa dos perfis de rendimentos (Mapa 12), as diferentes classes aparecem muito bem definidas no território. No município do Rio de Janeiro, a Tijuca, a Zona Sul e a Barra da Tijuca formam um espaço onde se concentram os níveis de rendimentos mais elevados da cidade. Em seguida, eles diminuem progressivamente, a partir do litoral, até atingir os níveis mais baixos nos limites da periferia metropolitana. Esta mesma configuração se repete em Niterói, São Gonçalo e Itaboraí, com a redução dos níveis de rendimentos no sentido litoral-interior.

A tabela a seguir, que corresponde ao conjunto do espaço mapeado da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, caracteriza os principais grupos religiosos, em função dos diferentes perfis de rendimentos. Observa-se que os católicos são majoritários nas categorias de rendimento "médios" à de "muito altos"; que os evangélicos têm, sobretudo, rendimentos reduzidos, particularmente os pentecostais; que as pessoas "sem religião" constituem mais de um quarto da classe de rendimentos "muito baixos" e um quinto da de rendimentos "baixos"; e que a categoria muito heterogênea que engloba "outras religiões" diz respeito, basicamente, às pessoas que possuem rendimentos de "médios" a "muito altos".

Rendimentos	Católicos	Evangélicos de Missão	Evangélicos Pentecostais	Outras Religiões	Sem religião	Total
Muito baixos	40,98	7,48	21,13	5,28	25,13	100
Baixos	49,14	7,87	17,92	5,61	19,46	100
Médios baixos	58,41	6,8	13,31	7,66	13,82	100
Médios altos	62,56	5,89	10,09	9,63	11,83	100
Altos	66,55	4,28	6,06	12,14	10,98	100
Muito altos	71,53	3,17	2,93	12,29	10,08	100

Ao se comparar o mapa dos perfis religiosos com o dos perfis de rendimentos (Mapas 11 e 12), observa-se que os espaços caracterizados por rendimentos “altos” e “médios” correspondem às áreas de predomínio católico, enquanto as áreas com rendimentos “baixos” dizem respeito, principalmente, aos redutos dos evangélicos pentecostais e de missão e das pessoas “sem religião”. Haveria, então, aí uma lógica baseada nos níveis de rendimentos, que nos conduziria a formular a seguinte hipótese: quanto mais se é pobre, mais se é suscetível de aderir a uma das religiões evangélicas, sobretudo a pentecostal, ou ainda a perder qualquer referência religiosa e a se declarar “sem religião”. Porém, como veremos, a realidade não é tão simples assim.

O mapa dos perfis religiosos e o dos perfis de rendimentos são baseados em dados resultantes de tabulações simples: AREAP x Religião e AREAP x Rendimento. O programa MicroDados 2000 permite, no entanto, realizar uma tabulação múltipla: AREAP x Religião x Rendimento. Pode-se, então, mapear a religião da população para um determinado nível de rendimento, como, por exemplo, a categoria “até 1 salário mínimo”, que caracterizaria os habitantes mais pobres. De acordo com a hipótese formulada anteriormente, essa população de rendimentos muito baixos seria propensa a aderir às religiões evangélicas ou mesmo a se declarar “sem religião”.

Os mapas 13, 14 e 15 mostram, no entanto, que a localização dos pobres católicos é muito diferente da dos pobres evangélicos ou dos pobres “sem religião”. Quando se é pobre e católico, vive-se geralmente nos espaços mais urbanizados do município do Rio de Janeiro ou de Niterói, onde tais pessoas se constituem numa das camadas de uma estratificação social mais ou menos completa, composta por pessoas ricas, de classes média e pobre. Em contrapartida, quando se é pobre e pentecostal, vive-se em espaços urbanos mais ou menos distantes do centro da região metropolitana. Porém, no caso dos pobres e “sem religião”, verifica-se que habitam áreas mais distantes ainda. Isto significa que, além do critério econômico “nível de rendimento” e dos critérios correlatos, como “nível de educação”, outros fatores deveriam ser levados em conta, como, por exemplo, a trajetória das populações migrantes instaladas na periferia metropolitana do Rio de Janeiro.

Poderíamos, assim, formular outra hipótese: a de que a existência de uma população migrante e pobre, chegada recentemente às áreas urbanas, vivendo em situação de anomia, se constituiria em “terreno favorável” ao crescimento do pentecostalismo e ao aumento do número de pessoas “sem religião”. Por outro lado, poderíamos supor também que a resistência do catolicismo seria maior em territórios urbanos consolidados e em sociedades mais bem estruturadas.

Conclusão

Essas hipóteses sobre as mudanças na filiação religiosa como resultado de transformações territoriais, formuladas a partir do caso do Rio de Janeiro, precisariam, naturalmente, ser testadas nas demais regiões metropolitanas do país, para poderem ser confirmadas. No entanto, mesmo limitando-se ao estudo do Rio de Janeiro, o uso da cartografia foi capaz de revelar importantes dimensões do fenômeno religioso nessa região metropolitana, tais como a delimitação dos principais territórios religiosos, a caracterização de áreas segundo níveis de rendimentos, bem como a identificação no espaço metropolitano dos locais de residência dos católicos, evangélicos pentecostais e "sem religião" que recebem até um salário mínimo por mês.

Nesse sentido, é fundamental se dispor de informações, não só sobre a filiação religiosa, mas também sobre os aspectos demográficos e socioeconômicos da população, em diferentes escalas, do Brasil como um todo até os bairros de uma cidade, e somente recenseamentos de amplitude nacional apresentam tais possibilidades. Aliás, o Brasil é considerado um país de tradição estatística, pela diversidade e qualidade das informações produzidas, principalmente, pelo IBGE, que tem no Censo Demográfico o seu melhor exemplo. Além da produção de dados, o IBGE divulga amplamente os seus resultados e permite, ainda, que institutos de pesquisa e universidades tenham acesso a determinadas informações, que necessitam de um tratamento estatístico prévio para serem utilizadas.

Este foi o caso da PUC-Rio, que pôde obter as fichas individuais do recenseamento da população realizado em 2000, acesso raramente permitido a pesquisadores, na maioria dos países do mundo. É bem verdade que a utilização desses dados requer certa competência em estatística e que a sua espacialização exige um bom conhecimento da cartografia temática. Na realidade, este ramo da cartografia é considerado atualmente, com os avanços da informática, a melhor forma de representação dos fenômenos que ocorrem no espaço, podendo-se mesmo afirmar que não há estudo geográfico que possa dispensar a sua utilização.

Naturalmente, os dados produzidos pelo IBGE no campo da religião poderiam ser aperfeiçoados, como, por exemplo, passar a pergunta sobre a filiação religiosa do "questionário da amostra (nº 2)" para o "questionário do universo (nº 1)", dirigido ao conjunto da população. No caso das cidades, que reúnem hoje a maior parte dos habitantes do país, essa alteração traria uma grande contribuição, pois permitiria a análise do fenômeno religioso de maneira muito mais detalhada, no nível dos setores censitários.

Os mapas apresentados neste artigo são baseados nos dados do Censo de 2000 e realizados com base nas AREAPs. Porém, ainda não se pode estudar a questão religiosa, nesse nível de observação, na sua dimensão temporal, já que

esta foi a primeira vez que o IBGE delimitou as AREAPs. Para o recenseamento de 2010, seria importante manter as AREAPs nos seus limites de 2000, para efeito de comparação, deixando de criar outras áreas de ponderação da amostra para novas extensões urbanas que surjam. Nesse mesmo sentido, parece importante que, no aperfeiçoamento da nomenclatura das religiões, fosse mantida a maior compatibilidade possível com a nomenclatura do Censo de 2000.

Bibliografia

- BASTIAN, J. P. (1997), «La dérégulation religieuse de l'Amérique Latine». *Problèmes d'Amérique Latine*, 24:3-16.
- CORTEN, A. (1997), «Pentecôtisme et politique en Amérique Latine». *Problèmes d'Amérique Latine*, 24:17-31.
- JACOB, Cesar et alii. (2003), *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola.
- MAFRA, Clara. (2001), *Os Evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MARIANO, Ricardo. (2004), "Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal". *Estudos Avançados*, 52:121-138.
- NOVAES, Regina. (2004), "Os jovens 'sem religião': ventos secularizantes, 'espírito de época' e novos sincretismos. Notas preliminares". *Estudos Avançados*, 52:321-330.
- PIERUCCI, Antônio F. (2004), "Bye bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000". *Estudos Avançados*, 52:17-28.
- SOUZA, Luiz A. G. (2004), "As várias faces da Igreja Católica". *Estudos Avançados*, 52:77-95.
- WANIEZ, Philippe et alii. (2004), «Déclin du catholicisme et changements religieux au Brésil: ce que dit le recensement démographique de 2000». *Problèmes d'Amérique Latine*, 52:31-62.

Recebido em agosto de 2004
Aprovado em setembro de 2004